



A CONTRIBUIÇÃO DO TRABALHO COM ESQUEMA CORPORAL PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

RESUMO

Diante da realidade atual, onde se percebe-se um aumento nas dificuldades no processo de alfabetização, fica evidente a necessidade de uma maior reflexão acerca das contribuições de outras áreas de conhecimento visando ao desenvolvimento integral da criança. Assim, a reflexão proposta no decorrer deste trabalho justifica-se pela importância que a alfabetização e o letramento têm no contexto em que a criança está inserida, pois vive-se em um mundo letrado, e assim, é função da escola garantir uma aprendizagem efetiva e desenvolver sua autonomia. Como objetivos, pretende-se proporcionar momentos de reflexão sobre como a psicomotricidade, com foco no trabalho com o esquema corporal, implica diretamente no desenvolvimento da criança e no processo de alfabetização, assim como refletir sobre como o psicopedagogo pode e deve utilizar o trabalho com a psicomotricidade de forma a contribuir com o processo de aquisição da leitura e escrita. Para tanto, pergunta-se: Quais ações e intervenções podem ser desenvolvidas a partir do trabalho com esquema corporal com as crianças, auxiliando em seu desenvolvimento e, conseqüentemente, no processo de alfabetização? Este artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com base em livros, artigos de periódicos, a partir das contribuições dos seguintes autores: Freitas e Corso (2016), Nogueira, Carvalho e Pessanha (2007), Pirez (2014), Pontes (2010), Soares (2018), Xavier, Paiva e Silva (2014), dentre outras obras, o que torna possível a constatação de que a ampliação de perspectivas e conceitos é positiva ao desenvolvimento de processos de alfabetização e de letramento, porém faz-se, ainda, necessário o oferecimento de formações docentes que contribuam com maiores transformações conceituais e metodológicas acerca desses processos.

Palavras-chave: Alfabetização. Psicopedagogia. Esquema Corporal.

OLIVEIRA, Carla Gomes de.
Pedagoga; Especialista em Educação Inclusiva; em Alfabetização e Letramento; e, em Psicopedagogia Institucional. (SINERGIA)
carlagoliveira@hotmail.com

KOBARG, Ana Paula Ribeiro.
Pedagoga e Historiadora; Mestre e Doutora em Psicologia. (SINERGIA)
anapaulariko@gmail.com
<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4715047D8>

OLIVEIRA, Carla Gomes de;
KOBARG, Ana Paula Ribeiro. A contribuição do trabalho com esquema corporal para o processo de alfabetização. **REFS – Revista Eletrônica da Faculdade Sinergia**, Navegantes, v.9, n.14, p. 30-40, jul./dez. 2018.

INTRODUÇÃO

A ideia desse artigo surgiu na observação da

realidade atual dos alunos no processo de alfabetização durante o ciclo de alfabetização (que compreende do 1º ao 3º ano do ensino fundamental), no qual, muitas vezes, os mesmos chegam ao final dele sem se apropriarem da leitura e da escrita com autonomia e sem saber usá-la em seu cotidiano.

Assim, a reflexão proposta no decorrer deste trabalho justifica-se pela importância que a alfabetização e o letramento têm no contexto em que a criança está inserida. Vive-se em um mundo letrado, onde esse processo é de grande valor, e é função da escola garantir uma aprendizagem efetiva e desenvolver sua autonomia.

Portanto, um dos objetivos destacados aqui é o de proporcionar momentos de reflexão sobre como a psicomotricidade, com foco no trabalho com o esquema corporal, implica diretamente no desenvolvimento da criança e no processo de alfabetização. Também tem-se por finalidade levar os profissionais da educação a refletirem sobre como o psicopedagogo pode e deve utilizar o trabalho com a psicomotricidade, mais precisamente em relação ao esquema corporal, por este ser um dos elementos básicos e indispensáveis para a formação da criança e para o processo de aquisição da leitura e escrita, contribuindo para um trabalho mais eficiente e, conseqüentemente, uma aprendizagem significativa. Essas reflexões levam a novas estratégias de ensino/aprendizagem visando sempre ao desenvolvimento do aluno.

O que se observa no cenário atual da educação básica é uma realidade em que o processo de ensino e aprendizagem está mais focado nas habilidades linguísticas, desde a educação infantil, e por vezes, esquecendo-se das habilidades psicomotoras. Mas, para o

desenvolvimento pleno da criança e o sucesso no processo de alfabetização, o professor deve pensar em seu aluno como um todo, associando em suas aulas e intervenções as diversas habilidades: cognitivas, psicológicas, psicomotoras, sociais. Nesse contexto, contribuições de outras áreas de conhecimento são de suma importância, visando ao desenvolvimento integral da criança.

Por isso pergunta-se: Quais ações e intervenções podem ser desenvolvidas a partir do trabalho com esquema corporal com as crianças, auxiliando em seu desenvolvimento e, conseqüentemente, no processo de alfabetização?

Este artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica, com base em livros, artigos de periódicos, a partir das contribuições dos seguintes autores: Freitas e Corso (2016), Nogueira, Carvalho e Pessanha (2007), Pirez (2014), Pontes (2010), Soares (2018), Xavier, Paiva e Silva (2014), dentre outras obras, o que torna possível a constatação de que a ampliação de perspectivas e conceitos é positiva ao desenvolvimento de processos de alfabetização e de letramento, porém faz-se, ainda, necessário o oferecimento de formações docentes que contribuam com maiores transformações conceituais e metodológicas acerca desses processos.

Diante do trabalho proposto, espera-se contribuir para estabelecer uma relação entre o processo de alfabetização e a percepção da criança sobre seu esquema corporal, assim como oferecer ao profissional da educação teoria aliada à prática, para que consiga alcançar seu objetivo, que é ver seu aluno desenvolver-se plena e integralmente.

1 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Sabe-se que, a palavra alfabetização já teve seu significado alterado, ampliado e desdobrado em decorrência das transformações sociais que ocorreram. Hoje, diante dos estudos e vivências sobre o tema, encontramos atrelado a ele o conceito de letramento.

Tendo em vista algumas modificações culturais, econômicas e sociais que se processaram nas sociedades contemporâneas, observamos, sobretudo a partir de meados do século XX, uma mudança no que, durante um bom tempo, consideramos como sendo alfabetização. Se até o início do

século XX bastava que o sujeito assinasse o próprio nome para ser considerado alfabetizado, com o passar do tempo, esta denominação careceu de maiores especificações. Ler e escrever um bilhete simples também passou a não ser mais capaz de designar os diferentes graus de apreensão da linguagem escrita. A insuficiência de conceitos e expressões capazes de retratar a situação da população em relação à apropriação da linguagem escrita, bem como designar os diferentes aspectos que englobam esse fenômeno levou alguns estudiosos a empregarem o termo “letramento”, inspiradas na palavra inglesa “literacy”, como forma de designar o estado ou a condição que cada indivíduo ou grupos de indivíduos passam a ter a partir da aquisição da língua escrita. (BRASIL, 2009, p. 29).

Mas, Morais e Albuquerque (2007, p. 10 grifos das autoras) definem esses dois conceitos como:

Alfabetização – processo de aquisição da escrita, isto é, do conjunto de técnicas – procedimentos habilidades – necessárias para a prática de leitura e de escrita: as habilidades de codificação de fonemas em grafemas e de decodificação de grafemas em fonemas, isto é o domínio do sistema de escrita (alfabético ortográfico). **Letramento** é um conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de materiais escrito. Ou seja, letramento é além de saber ler e escrever, entender o que se lê e se escreve, relacionando dessa forma com o contexto social, sua experiência cotidiana.

Observando as definições acima, fica claro que, mesmo sendo dois conceitos diferentes, eles se complementam. E, diante da realidade atual, se ater apenas a um não é suficiente para proporcionar uma aprendizagem significativa.

Diante da realidade atual, ao contrário do que era esperado antes, de um sujeito alfabetizado, além de ler e escrever, espera-se que este sujeito seja capaz de usar essas habilidades em seu dia a dia, podendo agir diante de sua realidade e ampliando, assim, sua visão de mundo e atuação nele. Neste novo cenário, encontra-se o desafio de alfabetizar letrando, onde o sujeito não deve apenas ler e escrever, mas contextualizar em seu dia a dia essas práticas e habilidades.

Neste contexto, Rios e Libânio (2009) afirmam que esse processo, alfabetização e

letramento, se mesclam e coexistem nas práticas sociais, embora sejam conceitos distintos. Os autores sinalizam a ideia de se alfabetizar letrando.

Assim, sobre o termo alfabetizar letrando os autores Santos et al. (2016) afirmam que ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita é alfabetizar letrando. A linguagem é um fenômeno social estruturado que, de forma ativa e grupal, se constrói e reconstrói nas práticas culturais e sociais. Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever, vislumbrando as práticas reais de leitura e de escrita, trabalhando textos oriundos de livros, revistas, jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, como também criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de textos. Com isso, o indivíduo deve se apropriar de forma significativa do que aprende na escola.

Abreu (2009) investigou as transformações conceituais e metodológicas dos processos de alfabetização e de letramento nos anos iniciais numa escola, a partir da implementação do Ensino Fundamental de nove anos na rede municipal de ensino de Uberlândia - MG. A investigação tem como sujeitos-colaboradores os alunos e as professoras-alfabetizadoras regentes dos três primeiros anos do Ensino Fundamental de nove anos e um profissional do CEMEPE que esteve à frente dos processos de formação continuada, oferecidos aos professores no contexto da implementação da proposta no município. Os recursos utilizados foram a observação participante, a aplicação de questionários com as professoras e agente do CEMEPE e entrevista com alunos. As professoras colaboradoras revelaram através de seus depoimentos e práticas que a alfabetização não é compreendida como processual e sim, desenvolvida num espaço temporal delimitado de acordo com ano em que o aluno frequenta e que, da maneira que a formação continuada foi oferecida para implementar a proposta do Ensino Fundamental de nove anos no município, geraram-se várias interpretações acerca da mudança por parte dos

responsáveis pela alfabetização nos três primeiros anos. O estudo sobre a relação dos alunos pesquisados com a escrita demonstrou que o relacionamento processual e individual estabelecido com o mundo da escrita, especialmente na fase de sua aquisição, influencia significativamente no uso que se faz dessa forma de linguagem no cotidiano, ou seja, os processos de alfabetização e de letramento são intrinsecamente relacionados. Fica evidenciado, a partir dos dados, que a instituição escolar, realmente, é concebida pelos sujeitos que a frequentam, como importante mediadora entre os alunos e o mundo da escrita, além de possuir a incumbência de cumprir esse papel principalmente para aqueles que possuem menos acesso aos bens culturais.

Nesta perspectiva, a função social da escrita deve ser abordada em um processo que alfabetize letrando. Para isso, o professor deve realizar um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas, mostrando a função social da escrita. Essa nova transformação traz novos desafios para os professores, que precisam rever conceitos. Revê-los por si só não basta, diante dessa nova realidade, deve-se repensar as ações e os objetivos a serem alcançados. E, ao se defender a ideia de alfabetizar letrando, o professor deve ter em mente que este processo se iniciou bem antes do aluno ingressar na escola, deve também reconhecer as diferentes histórias de vida e oportunidades com as quais seus alunos trazem em suas bagagens. (CARVALHO, 2010; SOARES, 2018).

Nesta linha, Nogueira, Carvalho e Pessanha (2007) também ressaltam que o processo de alfabetização se inicia desde os primeiros anos de vida, intensificando-se no ingresso na educação infantil, estruturando-se nas classes de alfabetização e primeiro ciclo do ensino fundamental. Os autores afirmam a importância de conhecer e levar em consideração a bagagem com a qual os alunos chegam à escola. Destacam, ainda, sobre como cada etapa da vida escolar é essencial para se alcançar uma aprendizagem efetiva.

Essa discussão já é antiga; Ferreira (1990) já tratava deste assunto quando apontava sobre

como os professores consideravam a aprendizagem da leitura e escrita, como um aprendizado apenas escolar, não levando em conta toda a história de vida da criança e a contribuição dela para o processo de alfabetização. Hoje, ainda encontram-se profissionais com esse pensamento no meio escolar.

O olhar do professor diante de todo esse processo é de fundamental importância para que ele ocorra de modo positivo e eficiente. A tarefa não é fácil e exige muita observação, reflexão e ação para que possa conhecer seu aluno, suas habilidades e dificuldades, levando em conta toda sua vivência antes do espaço escolar.

A maneira como o professor encaminha seu trabalho é crucial para que a criança construa o conhecimento sobre o objeto escrito e adquira as habilidades que lhe permitirão o uso efetivo do ler e do escrever. (MACIEL; LUCIO, 2009; SOARES, 2018).

Além do que foi exposto até aqui sobre o papel do professor, ressalta-se também a lei 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, pela qual o ensino fundamental passou a ter a duração de 9 anos, e o aluno, que antes ingressava aos 7 anos, agora inicia aos 6 anos. (BRASIL, 2006). Essa nova realidade causou, e ainda causa, bastante discussão dentro de nossas escolas, tornando-se mais um quesito para o planejamento do professor, principalmente o de primeiro ano, quando este deve estar atento à realidade deste aluno vindo da educação infantil.

O professor deve se planejar para que este momento de transição aconteça de forma tranquila e positiva, deve pesquisar como proceder com essa nova turma, entendendo que o desenvolvimento infantil não mudou, apesar de sua entrada no Ensino Fundamental ter sido antecipada. A forma como esse processo de transição se dará poderá favorecer ou não, o desenvolvimento do aluno nos anos iniciais e em seu processo de alfabetização.

Sobre essa transição, ao observar os relatos da pesquisa de Barcelos, Santos e Ferreira Neto (2015), buscou-se compreender as concepções de crianças, infância e

escolarização dos praticantes dos cotidianos (professores com formação em Educação Física, professora regente com formação em Pedagogia e coordenador de turno com formação em Educação Física da EMEF “Espírito Santo”). Para tanto, caracterizou-se como um estudo de caso etnográfico e utilizou, como fontes, narrativas produzidas por meio de registros de campo, entrevista e grupos de conversa. Os dados evidenciaram a criação de estratégias para incorporar nas crianças culturas escolares, ou seja, que escola é lugar de aprender e não de brincar, por exemplo. Esse caminho é produzido pelas experiências dos autores em produzir momentos que articulem as práticas culturais das crianças com as intencionalidades do Ensino Fundamental de nove anos. (BARCELOS; SANTOS; FERREIRA NETO, 2015).

Ao mesmo tempo em que se encontram essas falas, tem-se também um movimento que defende o lúdico em todo processo de aprendizado, não apenas com os alunos do primeiro ano, mas em todo ensino fundamental, quando os direitos e deveres dos alunos e seu desenvolvimento integral devem ser respeitados. Afinal, quem não gosta de estar em um ambiente acolhedor e aprender de forma significativa? (CORDAZZO; VIEIRA, 2007).

Enfim, o processo de alfabetização é bastante complexo, cada indivíduo tem a sua forma de assimilar e seu tempo. Neste contexto, o professor tem uma grande responsabilidade.

1.1 A PSICOMOTRICIDADE E A PSICOPEDAGOGIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Com as mudanças constantes em nossa sociedade, crescem os desafios em sala de aula. A educação não anda sozinha, necessita estar integrada a outras áreas de conhecimento além da pedagogia para garantir o desenvolvimento integral do aluno, como: a psicologia, a fonoaudiologia, psicomotricidade, entre outros.

Todas essas áreas são de grande importância para a educação, uma vez que

auxiliam para que o indivíduo seja compreendido em sua totalidade.

1.1.1 O papel do Psicopedagogo

Hoje, a psicopedagogia é uma aliada no processo de desenvolvimento dos indivíduos, que a cada dia vem ampliando sua atuação no contexto educacional. A psicopedagogia, que é um campo de atuação em Saúde e Educação, surge para auxiliar os indivíduos em suas dificuldades, também como forma de prevenção. Seu campo de atuação se divide em duas áreas: clínica e institucional.

A Psicopedagogia surge para atender a uma demanda específica de auxílio à superação das dificuldades de aprendizagem, atuando de forma preventiva e terapêutica. A Psicopedagogia se divide em três processos: prevenção, diagnóstico e intervenção. Na prevenção, o psicopedagogo realiza uma investigação institucional, avaliando os processos didáticos e metodológicos aplicados, e a dinâmica dos profissionais, buscando compreender o processo ensino/aprendizagem e propondo alternativas que otimizem os esforços empreendidos pelos envolvidos. (BATISTA; GONÇALVES; ANDRADE, 2015, p. 327).

A psicopedagogia institucional tem por objetivo prevenir as dificuldades de aprendizagem e, conseqüentemente, o fracasso escolar. Constatou-se que a palavra chave da psicopedagogia deveria ser prevenção. Mas, nas escolas, o que acontece, na maioria das vezes, é a solicitação do psicopedagogo quando os problemas já estão instalados, ao invés de requisitar este profissional para trabalhar em conjunto com a escola na prevenção desses possíveis problemas. (VERCELLI, 2012; FREITAS; CORSO, 2016).

Quando o trabalho do psicopedagogo institucional ocorre em caráter preventivo, ele abrange toda a instituição escolar, organizando meios e estratégias para que os professores consigam atingir seus alunos, facilitando, assim, o processo de ensino e aprendizagem. O papel do psicopedagogo na escola também está atrelado ao processo de orientação educacional, propor a intervenção no currículo, no projeto político pedagógico, na metodologia de ensino do professor. (PONTES, 2010).

Diante deste contexto, o psicopedagogo encontra no ambiente escolar certa resistência, pois às vezes, a escola acaba não percebendo a parceria que pode ser realizada com esse profissional. Ao adentrar em uma escola, o psicopedagogo deve observar o ambiente, mostrando-se claramente como parceiro que está ali para somar e auxiliar na busca de outras estratégias, com o objetivo de atingir aquele aluno com alguma dificuldade ou ainda, prevenir que algumas aconteçam.

Sobre essa questão, Pontes (2010) ainda enfatiza que o psicopedagogo deve cuidar para não interferir no trabalho pedagógico, e sim intervir. No intervir, a intenção é de ajudar a pensar para se alcançar a resposta, enquanto o interferir está centrado na manipulação da ação do outro. O trabalho dentro da escola deve ser em equipe, e é nesta perspectiva que o profissional da psicopedagogia vem para somar.

Na atual realidade, observa-se que a alfabetização vem sendo amplamente discutida, principalmente sobre as dificuldades que muitos encontram nesse processo, e como muitos alunos chegam ao final deste ciclo sem se apropriar da leitura e da escrita e de sua função, buscam meios para solucionar essas dificuldades. Nessa busca, encontram essa ajuda com suporte na psicopedagogia, aliada também a outras áreas de conhecimentos. (SOUZA, 2016).

Na pesquisa de Xavier, Paiva e Silva (2014), sobre o olhar psicopedagógico no processo de leitura e de escrita, confirma-se a importância da psicopedagogia nesse contexto. Neste estudo, após observações e aplicação de atividades, chegaram à conclusão de que além de auxiliar o aluno, o psicopedagogo é um aliado do professor em todo processo.

Dessa forma, construindo um novo olhar para essa relação entre Psicopedagogia e Escola, podemos compreender que o trabalho do psicopedagogo não acontece sozinho, vem para somar e auxiliar os profissionais na reflexão sobre seus alunos e suas práticas.

1.1.1.1 Psicomotricidade

Assim como todo conceito, o de psicomotricidade também se modificou com o passar do tempo. De acordo com a Sociedade Brasileira de Psicomotricidade, “Psicomotricidade é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização”. (ABP).

A psicomotricidade é o corpo em movimento, considerando o ser em sua totalidade. Sendo uma ciência que objetiva o estudo da relação entre o pensamento e a ação, o objetivo nuclear da psicomotricidade é colocar o corpo no centro do comportamento e evolução humana. Defende, ainda, que a mente humana não pode ser independente do corpo, não podendo separá-los, afinal o desenvolvimento pessoal e social resulta da relação entre corpo, cérebro e o meio que está inserido. (ALVES, 2007; FONSECA, 2010).

Dentro dessa grande área de estudo, há especificidades em relação aos conceitos. Segundo Oliveira (2005), a psicomotricidade se divide em algumas áreas: Esquema corporal; Lateralidade; Estruturação espacial; Orientação temporal. Outra visão da psicomotricidade é pontuada por Almeida (2009), que destaca que o trabalho com psicomotricidade engloba três dimensões: motora, afetiva e cognitiva. Dimensões essas que quando somadas irão atender o indivíduo como um todo, auxiliando-o em suas dificuldades e ampliando suas habilidades.

Quando se relaciona a psicomotricidade ao processo de alfabetização, percebe-se que é por meio do trabalho da psicomotricidade que o indivíduo desenvolverá as habilidades necessárias para realizar as tarefas que lhe serão exigidas ao ingressar no universo escolar.

Sobre a importância do movimento no desenvolvimento do indivíduo, Rossini (2008, p. 16) afirma que “uma das maiores fontes de informação da nossa consciência é o movimento. Todos os nossos movimentos são realizados de forma complexa e passam por fases evolutivas”.

Nas escolas, são grandes as queixas dos professores sobre as dificuldades de aprendizagem que seus alunos apresentam no

processo de alfabetização. Por isso se faz necessário um olhar mais atento do professor, para lembrar que o corpo do aluno também faz parte do processo de aprendizagem, que aprender a ler e escrever não está relacionado apenas ao pensamento humano.

De acordo com Lustosa, Fiorentin e Rocha (2004), destacam-se os seguintes conceitos psicomotores que acreditam ser essenciais à alfabetização: A) Coordenação dinâmica geral; B) Coordenação motora fina; C) Coordenação óculo-manual; D) Postura; E) Tônus muscular; F) Equilíbrio; G) Respiração; H) Esquema corporal; I) Lateralidade; J) Conhecimento de direita-esquerda; K) Estrutura espacial; e L) Organização temporal. Esses conceitos são de suma importância para o professor, que deve basear seu planejamento em atividades que desenvolvam tais habilidades.

Na pesquisa de Nogueira, Carvalho e Pessanha (2007), foi apresentada a importância de trabalhar os pré-requisitos psicomotores na educação infantil a fim de diminuir a taxa de analfabetismo dos alunos nos anos iniciais. Ainda mostraram a reflexão que os professores devem ter sobre as habilidades psicomotoras que são indispensáveis para o sucesso neste contexto. As considerações foram que a maioria das crianças que apresentavam dificuldade de aprendizagem e dificuldade no processo de alfabetização demonstravam também alguma defasagem nas habilidades psicomotoras referentes à imagem visual do corpo, ao esquema corporal, organização espacial e temporal, discriminação visual e auditiva. Eles concluem que a educação escolar deve perceber a importância da dimensão corporal em seu currículo.

Também, a pesquisa realizada por Rondon et al. (2010), voltada para as aulas de educação física, dentro do contexto escolar, demonstra a importância de realizar uma parceria entre as aulas de educação física e as desenvolvidas em sala de aula, uma vez que as conclusões destacadas nesta pesquisa do trabalho motor, contribuem para confirmar a necessidade do trabalho corporal para o processo de desenvolvimento integral do aluno.

Diante do exposto, percebe-se a importância da psicomotricidade no processo de alfabetização, e que esta deve ser trabalhada desde a educação infantil, pois é pelo movimento que a criança irá adquirir o conhecimento do mundo que a rodeia, prevenindo, assim, as dificuldades na aquisição da leitura e da escrita e demais aprendizagens.

Algumas sugestões de atividades psicomotoras:

Habilidades psicomotoras:	Atividades:
-Coordenação global (0 aos 7 anos).	-Rolar, rastejar, engatinhar, andar, correr, soltar, transpor, dançar e a realização de jogos imitativos.
-Coordenação Fina e Viso-motora (2 aos 7anos).	-Transportar, agrupar, bater, segurar, encaixar, manipular, atar, desatar, aparafusar, lançar, amarrar, abotoar, riscar, modelagem, recorte, colagem, e escrita (iniciação do movimento de pinça).
-Imagem visual (3 ½ a 7 anos).	-Observação do corpo no espelho e desenho do próprio corpo.
-Esquema Corporal (3 ½ aos 8 anos).	-Autoidentificação, localização, abstrata corporal, reconhecimento de todas as partes do corpo.
-Lateralidade (6 os 7 anos).	-Dominância lateral dos três níveis: olho, mãos e pés.
-Organização Espacial (5 aos 7 anos) Obs.: esta habilidade pode ser estimulada desde os 2 anos, mas se consolida dos 5 aos 7 anos).	-Jogos de identificação de cores, formas, tamanhos, direcionalidades e relações espaciais (em cima, em baixo, lado direito, lado esquerdo, atrás, frente, etc. Amarelinha, jogos de comandos, letras e números gigantes para serem observados e manipulados corporalmente.
-Orientação Temporal (6 aos 8 anos) Obs.: esta habilidade pode ser estimulada desde os 2 anos, mas se consolida dos 6 aos 8 anos).	-Perceber os intervalos de tempo entre as palavras, ritmos musicais, danças cantadas, cirandas, construção de instrumentos musicais rítmicos (tambor, chocalho, etc.), acompanhamento dos ritmos musicais com o corpo, trabalho com sequências sonoras e gráficas.
-Discriminação Visual e Auditiva (4 anos aos 8 anos).	-Jogos de memória com letras e sílabas, dominó de letras e gravuras, quebra cabeças de letras e palavras, sequências de fatos, leitura de histórias, escritas espontâneas de

palavras, reescritas de histórias, músicas etc.

Tabela 1 - Habilidades psicomotoras a serem desenvolvidas na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

Fonte: Nogueira, Carvalho e Pessanha (2007, p. 23).

1.1.1.2 Esquema corporal

Como já exposto, o processo de alfabetização está ligado a diferentes áreas do conhecimento, sendo essas aliadas do professor e aluno, e que se estimuladas podem prevenir dificuldades futuras. Entre as habilidades motoras relacionadas à alfabetização, será destacada a relação entre o processo de aquisição da leitura, escrita do aluno e o esquema corporal.

O esquema corporal é o conhecimento que a criança tem de seu corpo e como ele interage com seu meio, as relações que ele estabelece, limitando-se aos aspectos sinestésicos, sensações orgânicas e de estrutura postural. Também serve como base para todo conhecimento que a criança tem do mundo, pois é reconhecendo a si mesma que ela irá reconhecer o mundo em que vive. Portanto, esse conhecimento é imprescindível para que a criança tenha uma boa aprendizagem, iniciando com identificar e nomear as partes do corpo e, juntamente com esses conceitos aprenderá outros, como: em cima e em baixo, dentro e fora, longe e perto, conceitos esses que são de fundamental importância para o processo de alfabetização e letramento. (LUSTOSA; FIORENTIN; ROCHA, 2004; PRUDENCIATTI; PEREIRA; TABAQUIM, 2016).

Diante das definições aqui expostas, o esquema corporal está intimamente ligado com a criança e seu meio, em como ela se vê e interage com o mundo que a cerca. Uma criança que não tem consciência de si no mundo que atua, provavelmente terá dificuldade em compreender o processo de alfabetização e demais aprendizados.

Rosa Neto et al. (2011) ressaltam a importância do olhar do professor diante do trabalho com o esquema corporal, bem como

corpo e mente estão interligados. A representação que a criança possui de seu próprio corpo é indispensável na formação de sua personalidade. Para os autores, estudar o corpo é, particularmente, importante para os profissionais que estudam a cognição humana, o ensino e a aprendizagem.

Pirez (2014) pontua que uma criança que teve o esquema corporal malformado não conseguirá coordenar bem seus movimentos. Suas habilidades manuais tornam-se limitadas, a leitura perde a harmonia, o gesto vem após a palavra e o ritmo de leitura não é mantido, ou então, é paralisado no meio de uma palavra. A construção do esquema corporal é a tomada de consciência do próprio corpo para que haja desenvolvimento adequado.

O domínio corporal é o primeiro elemento do comportamento, pois é por meio do movimento dinâmico que a criança consegue desenvolver o controle do corpo e adquirir a percepção espacial. Se o esquema corporal for mal definido pode apresentar vários problemas de aprendizagem, como a lentidão, a coordenação motora deficiente e insegurança na relação com o outro. (PIREZ, 2014).

Nogueira, Carvalho e Pessanha (2007), afirmam também que, as dificuldades de aprendizagem se devem pela falta de consciência corporal e, como consequência, o aluno não consegue representar o próprio corpo, não consegue perceber e representar o mundo que o cerca. Assim, percebe-se que a falta de trabalho com as habilidades motoras básicas acaba por dificultar o processo de alfabetização.

A importância de se trabalhar o esquema corporal, principalmente na educação infantil, mas também nos anos iniciais, torna-se algo vital para o desenvolvimento infantil. Assim, o aluno, ao adentrar no ciclo de alfabetização, terá as habilidades necessárias e bem desenvolvidas, fazendo com que o processo de alfabetização ocorra de maneira mais tranquila e positiva.

Infelizmente, mesmo após tantas reflexões, o que se vê na prática do dia a dia são os aspectos acadêmicos se sobressaírem aos psicomotores, que por vezes, são deixados

apenas para as aulas de educação física. (SILVÉRIO; CUNHA, 2016, p. 89).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo objetivou abordar como as diferentes áreas de conhecimento contribuem para o desenvolvimento integral da criança. Para um trabalho significativo temos que enxergar o indivíduo como um todo, sendo assim, destacou-se a contribuição da psicomotricidade à pedagogia, destacando a importância do trabalho com o esquema corporal para o processo de alfabetização, trabalho esse que se inicia antes mesmo do aluno adentrar no ciclo de alfabetização, mas que deve segui-lo desde seu ingresso no contexto escolar.

De acordo com o apresentado, o trabalho com o esquema corporal auxilia em todo processo de aprendizagem, afinal, é por meio dele que a criança reconhece seu corpo e sua relação com o meio, e é essa tomada de consciência que fará com que ela se aproprie das habilidades e conceitos necessários para aquisição da leitura e escrita. Em contrapartida, a falta do trabalho com esquema corporal acarretará em habilidades limitadas, comprometendo assim seu aprendizado, que poderá apresentar uma leitura sem ritmo, perder-se no meio de palavras, não relacionar as sílabas dentro das palavras, entre outras dificuldades e limitações.

Após o que foi apresentado aqui, é imprescindível que todos se conscientizem de que para se alcançar uma aprendizagem significativa, deve-se ter a consciência de que corpo e mente caminham juntos. Portanto um trabalho não pode ser fragmentado, visando apenas o cognitivo e deixando o motor para as aulas de educação física, mas integrá-los em suas estratégias e planejamentos.

Assim, o professor que oportunizar momentos onde esse corpo seja ouvido, vivido, explorado, terá um retorno ainda maior por parte de seus alunos. Com um trabalho integrado, percebendo a criança em todos os seus aspectos, o sucesso no processo ensino/aprendizagem será potencializado. Não

se pode esquecer que a criança desde seu nascimento está em constante movimento e interação com seu meio, então por que privá-la disso tudo ao entrar na escola? Por que não utilizar desses conhecimentos para garantir uma aprendizagem realmente significativa para o aluno? Resta refletir no caminhar docente e definir aonde se quer chegar.

REFERÊNCIAS

ABP. Associação Brasileira de Psicomotricidade. Disponível em: <<https://psicomotricidade.com.br/sobre/o-que-e-psicomotricidade/>>. Acesso em: 19 set. 17.

ABREU, Márcia Martins de Oliveira. **Ensino Fundamental de nove anos no município de Uberlândia**: implicações no processo de alfabetização e letramento. 2009. 167 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2009.

ALMEIDA, C. M. de. Perfil Psicomotor de alunos com idade entre 7 a 9 anos. **IX Congresso Nacional de Educação EDUCERE**. III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 26 a 29 de outubro de 2009. PUCPR. 2009.

ALVES, F. (Org.). **Como aplicar a psicomotricidade**: uma atividade multidisciplinar com amor e união. Rio de Janeiro: Walk, 2007.

BARCELOS, M.; SANTOS, W.; FERREIRA NETO, A. Crianças, infância e escolarização: tessituras na transição da educação infantil para o ensino fundamental de nove anos. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 84-101, set. 2015. ISSN 2175-8042. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/39818>>. Acesso em: 19 set. 2017.

BATISTA, L. S.; GONÇALVES, B.; ANDRADE, M. S. Avaliação psicopedagógica de criança com alterações no desenvolvimento: relato de experiência. **Rev. Psicopedagogia**; 32(99):326-335, 2015.

BRASIL. **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de Nove**

Anos. Ministério da Educação. Brasília 2009. Disponível em: <<http://psicomotricidade.com.br/sobre/o-que-e-psicomotricidade/>>. Acesso em: 19 set. 2017.

_____. **Lei 11.274.** Altera a redação dos artigos 29, 30, 32 e 87 da lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de nove anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos seis de anos de idade. Brasília DF, 2006.

CARVALHO, M. **Alfabetizar e letrar:** um diálogo entre a teoria e a prática. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CORDAZZO, S.; VIEIRA, M. L. A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e de desenvolvimento. **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, RJ, v. 7, n. 1, p. 92-104, abr. 2007.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre a alfabetização.** São Paulo: Ed. Cortez, 1990.

FONSECA, V. Psicomotricidade: uma visão pessoal. **Constr. psicopedag.** São Paulo, v. 18, n. 17, p. 42-52, dez. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542010000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 nov. 2017.

FREITAS, C. N.; CORSO, H. V. A psicopedagogia na educação infantil: o papel das brincadeiras na prevenção das dificuldades de aprendizagem. **Rev. psicopedag.** São Paulo, v. 33, n. 101, p. 206-216, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862016000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2017.

LUSTOSA, N. P.; FIORENTIN, S.; ROCHA, D. L. S. Psicomotricidade e Alfabetização. In: **ANAIIS do II Congresso Nacional da Área de Educação e IV Educere**, 2004, Curitiba. II Congresso Nacional da Área de Educação e IV Educere. Curitiba: Universidade Católica do Paraná, 2004.

MACIEL, F. I. P.; LUCIO, I. S. Os conceitos de alfabetização e letramento e os desafios da articulação entre teoria e prática.

Alfabetização e letramento em sala de aula. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. Autentica, p. 13 a 34, 2009.

MORAIS, A. G.; ALBUQUERQUE, E. B. C. Alfabetização e letramento. **Construir Notícias.** Recife, PE, v. 07 n. 37, p. 5-29, nov/dez, 2007.

NOGUEIRA, L. A.; CARVALHO, L. A. de; PESSANHA, F. C. L. A psicomotricidade na prevenção das dificuldades no processo de alfabetização e letramento. **Perspectivas online.** 1(2):9-28, 2007. Disponível em: <http://seer.perspectivasonline.com.br/index.php/revista_antiga/article/viewFile/251/163>. Acesso em: 20 set. 2017.

OLIVEIRA, G. C. **Psicomotricidade, educação e reeducação num enfoque psicopedagógico.** 10. ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2005.

PIREZ, T. S. **Contribuições da psicomotricidade no processo de alfabetização.** Monografia (Especialização em Educação) - Universidade Tecnológica Federal Do Paraná. Medianeira, 2014. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4435/1/MD_EDUMTE_2014_2_79.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

PONTES, I. A. M. Atuação psicopedagógica no contexto escolar: manipulação, não; contribuição, sim. **Rev. psicopedag.** São Paulo, v. 27, n. 84, p. 417-427, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862010000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 out. 2017.

PRUDENCIATTI, S.; PEREIRA, R. S.; TABAQUIM, M. L. M. Identificação das competências necessárias para a aprendizagem de leitura e escrita de crianças com fissura labiopalatinas: estudo comparativo. **Rev. Psicopedagogia**; 33(102):262-271; 2016.

RIOS, Z.; LIBÂNIO, M. **Da escola para casa:** alfabetização. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

RONDON, T. A. et al. Atividades rítmicas e Educação Física escolar: possíveis contribuições ao desenvolvimento motor de escolares de 08 anos de idade. **Motriz.** Rio Claro, v. 16, n. 1, 2010.

ROSA NETO, F. et al. O esquema corporal de crianças com dificuldade de aprendizagem. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.), Maringá, v. 15, n. 1, p. 15-22, Jun., 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572011000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 out. 2017.

ROSSINI, M. A. S. **Alfabeto Corporal**. RJ: Ed. Vozes, 2008.

SANTOS, A. S. C. et al. **Alfabetização e Letramento**: dois conceitos um processo. [2016]. Trabalho de conclusão do curso (Graduação em Pedagogia) - Faculdade São Luis de França. Sergipe. Disponível em: <<https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc3-6.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2017.

SILVÉRIO, J. C.; CUNHA, N. B. Avaliação psicomotora de crianças do 2º ano do Ensino Fundamental I. 2016. **Rev. Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 37, n. 1, p. 77-92, jan./jun. 2016.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. SP: Editora Autêntica, 2018.

SOUZA, F. P. M. **Dificuldade de aprendizagem na leitura**: contribuições do lúdico através de um olhar psicopedagógico. 2016. 28f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

VERCELLI, L. de C. A. O trabalho do psicopedagogo institucional. 2012. **Revista Espaço Acadêmico**. v. 12, n. 139, p. 71/76, dez de 2012.

XAVIER, M. D. D.; PAIVA, R. I. D.; SILVA, M. L. D. L. Um olhar psicopedagógico no processo de leitura e escrita: Um estudo com um aluno do terceiro ano do ensino fundamental. *In*: VI Fórum Internacional de Pedagogia, 2014, Santa Maria - RS. **Anais Fiped VI**. Campina Grande: Realize Eventos e Editora, v. 1, p. 1-12, 2014.